

BOLETIM DE CONJUNTURA

80

2015

1º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O início do ano de 2015 foi marcado pelo abrandamento da atividade na indústria portuguesa de calçado, com uma redução na produção e encomendas que afetou mais as empresas que apostam predominantemente na venda de coleção própria. Fruto deste abrandamento, interrompeu-se a tendência de reforço do emprego que se sentiu ao longo dos últimos dois anos. Três em cada quatro inquiridos consideram, no entanto, que o estado dos negócios permanece suficiente e, pela primeira vez em 20 anos desta publicação, nenhuma empresa referiu enfrentar dificuldades financeiras. A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e o preço das matérias-primas são as preocupações mais frequentes da indústria.

As empresas estão moderadamente otimistas quanto ao segundo trimestre do ano, esperando uma recuperação da produção e das encomendas mas esperam o agravamento das dificuldades resultantes do preço das matérias-primas.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

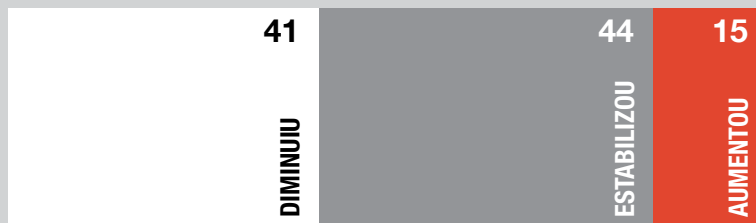
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

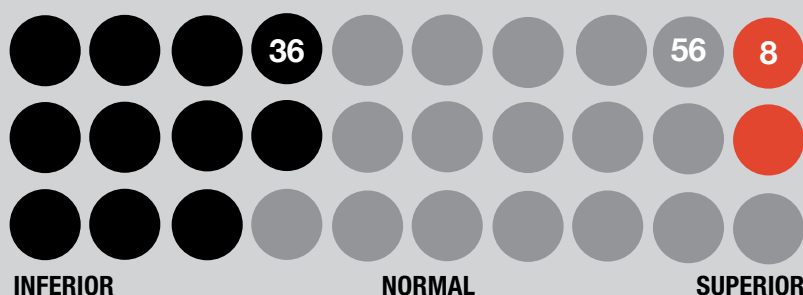
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

No primeiro trimestre de 2015, acentuou-se o abrandamento da atividade que vinha do final do ano anterior: 41% dos inquiridos afirmam ter registado uma diminuição do nível de produção enquanto só 15% conseguiram um aumento. Embora não sendo uma surpresa em face das previsões formuladas no trimestre anterior, o saldo de respostas extremas (s.r.e.) de -26 pontos percentuais (p.p.) foi o mais negativo dos últimos três anos, sendo particularmente acentuado entre as empresas mais pequenas e entre as mais orientadas para os mercados internacionais.



Utilização da Capacidade



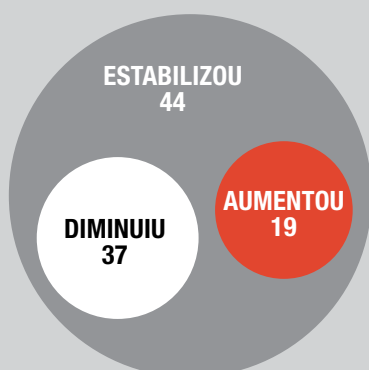
Na maioria das empresas (56%), a utilização da capacidade produtiva permanece normal para a época do ano. No entanto, o saldo de respostas extremas relativo a esta pergunta registou um acentuado agravamento, passando de -6 p.p. no final de 2014 para -28 p.p. no primeiro trimestre de 2015. À semelhança do que se passou com a evolução da produção, também a utilização da capacidade produtiva tendeu a ser menor entre as empresas mais pequenas e entre as mais orientadas para os mercados externos.

Carteira de Encomendas

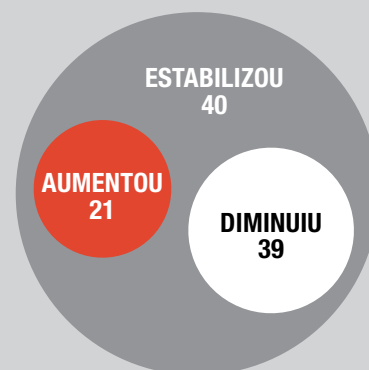
A carteira global de encomendas registou igualmente um recuo, embora menos acentuado do que a produção (s.r.e. -18 p.p.). A quebra foi mais acentuada nas empresas orientadas predominantemente para os mercados internacionais que, em trimestres anteriores, tinham registado uma evolução muito favorável. Ainda assim, quase metade dos inquiridos (44%) afirma que a sua carteira global de encomendas permaneceu estável.

Relativamente à carteira de encomendas do estrangeiro, a percentagem de empresas que afirmam que se manteve estável é ligeiramente menor (40%) por contrapartida tanto das que dizem que aumentou como das que afirmam que diminuiu, sendo o s.r.e. idêntico (-18 p.p.). As empresas sem coleção própria conseguiram, no entanto, um resultado mais favorável (+6 p.p.).

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



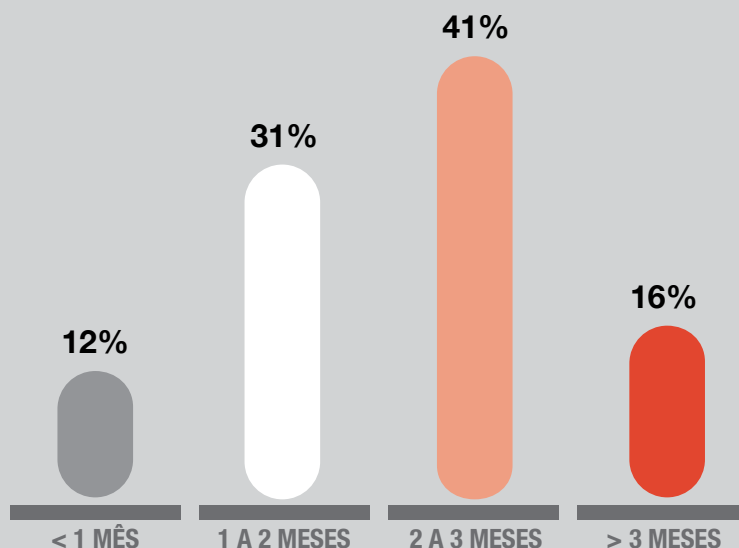
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

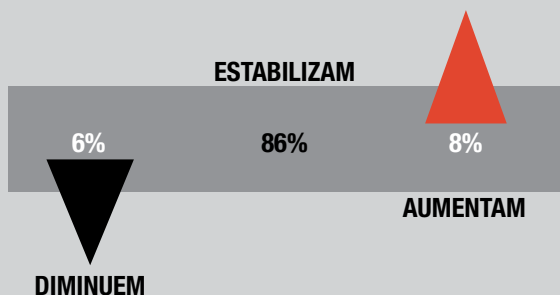
Apesar do abrandamento da conjuntura, a maioria das empresas (57%) continuam a ter carteiras de encomendas que lhes asseguram dois ou mais meses de produção e a percentagem de inquiridos que têm mais de três meses garantidos registou mesmo um aumento para 16%. Esta situação é particularmente frequente entre as empresas de maior dimensão. Os casos de carteiras inferiores a um mês de produção concentram-se em empresas orientadas predominantemente para o mercado português.



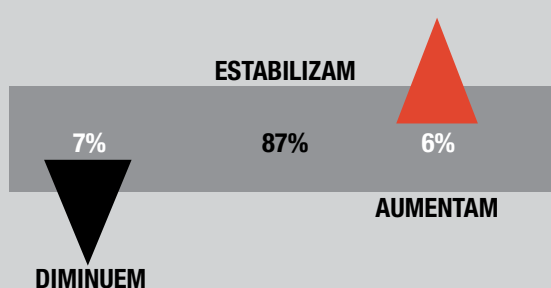
Preços

A larga maioria das empresas afirma que os preços permanecem estáveis, tanto em Portugal (86%) como no estrangeiro (87%). No entanto, enquanto relativamente aos preços praticados em Portugal as empresas que indicam um aumento superam ligeiramente as que apontam para a diminuição (s.r.e. +2 p.p.), passa-se o contrário quanto aos mercados internacionais (s.r.e. -1 p.p.). Em ambos os casos, a evolução registada correspondeu à previsão formulada pelas empresas no trimestre anterior.

EM PORTUGAL



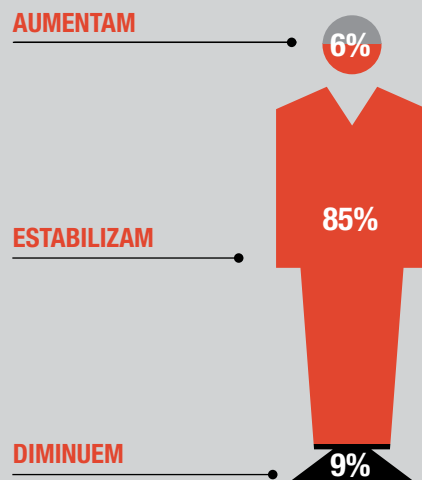
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

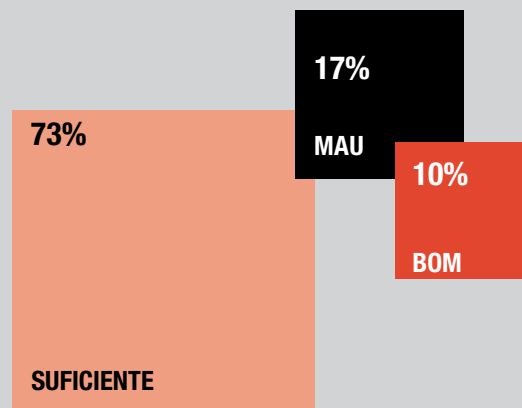
As empresas que afirmam que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu estável (85%) são também largamente maioritárias. Neste primeiro trimestre, o saldo de respostas extremas foi, contudo, negativo em -3 p.p., o que veio interromper uma série de oito trimestres consecutivos em que houve mais empresas a contratar do que a reduzir pessoal, a série mais longa nos vinte anos de existência deste boletim.



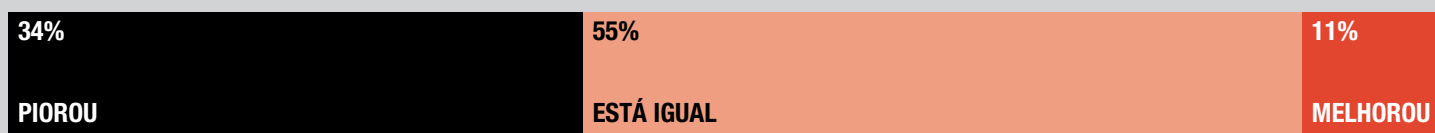
Estado dos negócios

Apesar do abrandamento da conjuntura patente nas respostas anteriores, quase três em cada quatro empresas da indústria de calçado consideram que o estado atual dos negócios permanece suficiente. As que pensam que o estado dos negócios é bom são, no entanto, menos do que as que consideram que é mau (s.r.e. -7 p.p.), o que acontece pela primeira vez desde meados de 2012.

A deterioração da conjuntura é mais evidente quando as empresas comparam o estado dos negócios neste trimestre com o registado no início de 2014: embora 55% dos respondentes afirmem que a situação permanece sensivelmente inalterada, o saldo entre os que dizem que a situação melhorou e os que afirmam que piorou é negativo em 23 pontos percentuais.



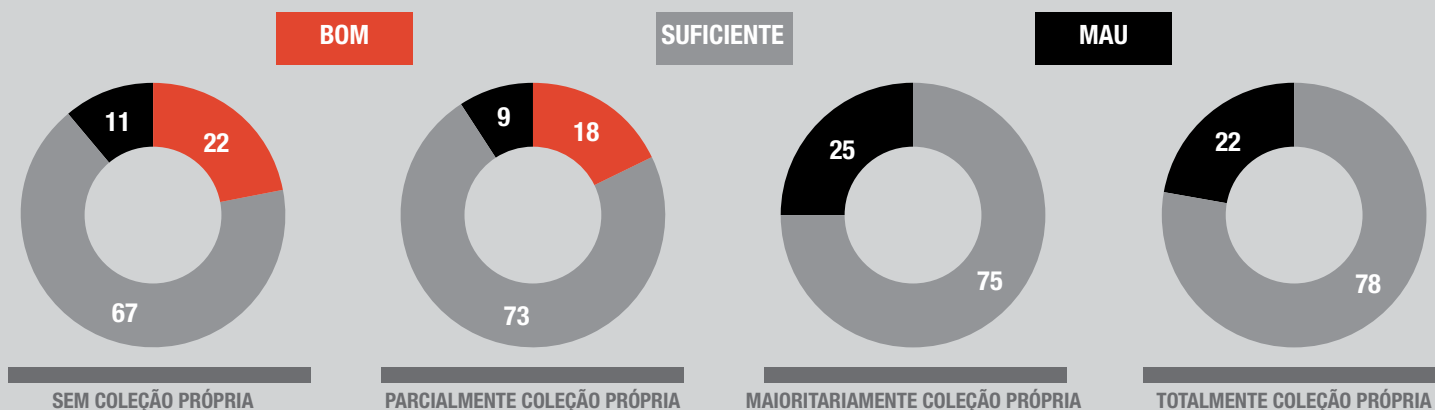
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

À semelhança do que aconteceu no trimestre anterior, a avaliação que as empresas fazem do estado dos negócios varia em função do peso que a coleção própria tem nas suas vendas: enquanto as que vendem maioritariamente marca própria apresentam um saldo de respostas extremas negativo em mais de 20 pontos

percentuais, as que vendem predominantemente coleções alheias registam um s.r.e. positivo da ordem de 11 p.p. A avaliação da conjuntura tende também a ser melhor entre as empresas de maior dimensão: nenhuma empresa com mais de 250 trabalhadores considera que o estado dos negócios seja mau.



Limitações à produção

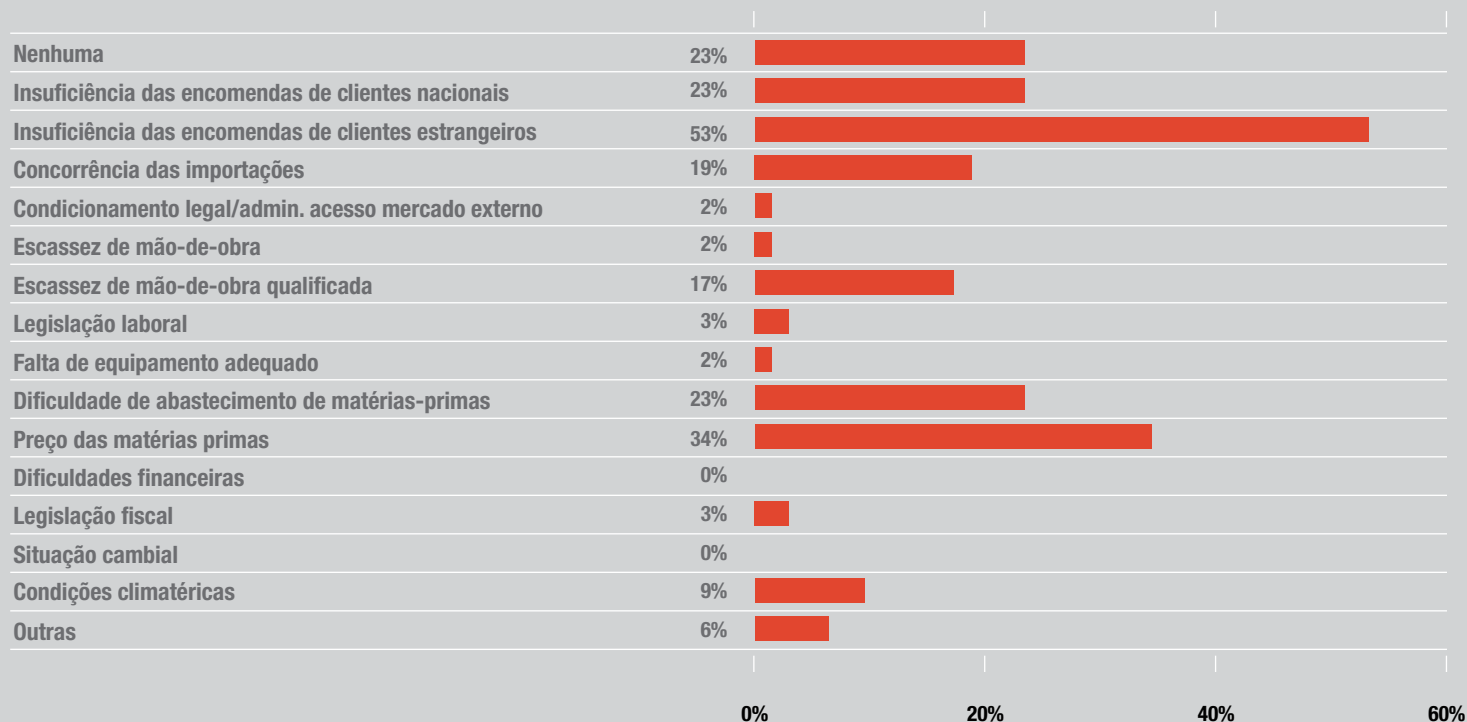
O abrandamento da atividade registado no primeiro trimestre leva mais de metade (53%) das empresas inquiridas a identificarem a insuficiência das encomendas de clientes estrangeiros como a principal limitação à sua atividade, acentuando a liderança deste fator entre as preocupações da indústria do calçado. Também a insuficiência de encomendas de clientes nacionais aumentou significativamente, sendo agora mencionada por 23% dos inquiridos. Em contrapartida, continua a reduzir-se a percentagem de empresas (19%) que se manifestam preocupadas com a concorrência das importações.

O preço das matérias-primas ocupa a segunda posição entre as preocupações setoriais, sendo mencionado por um terço das empresas (34%), apesar de terem abrandado as referências a dificuldades no abastecimento (23%).

Quanto a outros fatores de produção, as referências a escassez de mão-de-obra são meramente residuais, tal como acontece com a falta de equipamento adequado. Há, no entanto, uma percentagem significativa de empresas (17%) que consideram que a falta de mão-de-obra qualificada é um obstáculo importante à sua atividade.

Depois de terem atingido alguma expressão em períodos recentes, as referências a dificuldades de ordem legal, nomeadamente de legislação fiscal e laboral, são agora muito escassas (3%). Em contrapartida, nos últimos dois trimestres registou-se um crescimento significativo das menções às condições climatéricas como uma dificuldade significativa.

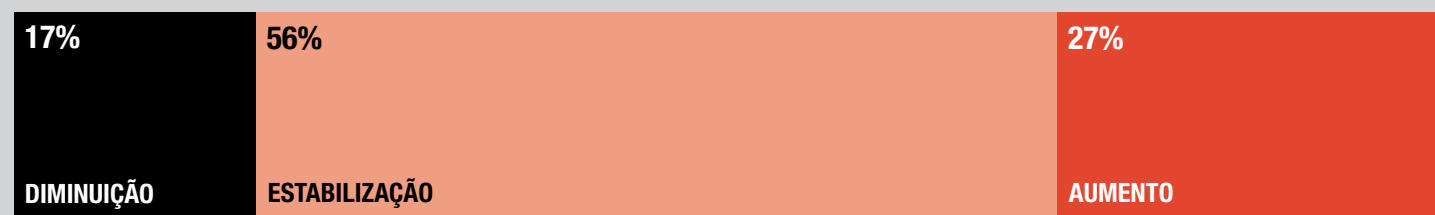
Apesar da deterioração da conjuntura, quase um quarto das empresas inquiridas afirmam não enfrentar nenhuma dificuldade. Esta situação é particularmente frequente (44%) entre as empresas que vendem exclusivamente coleção própria, apesar de a evolução recente não lhes ser favorável. De destacar que, pela primeira vez nos vinte anos deste inquérito de conjuntura, nenhuma das empresas inquiridas referiu sentir dificuldades financeiras.



Tendências da produção

As previsões para o segundo trimestre de 2015 apontam para uma retoma da atividade da indústria portuguesa de calçado: as empresas que acreditam num aumento do nível de produção excedem em 10 p.p. as que receiam

a sua diminuição. O otimismo é mais acentuado entre as maiores empresas, entre as mais orientadas para os mercados internacionais e entre as que vendem uma menor proporção de coleção própria.

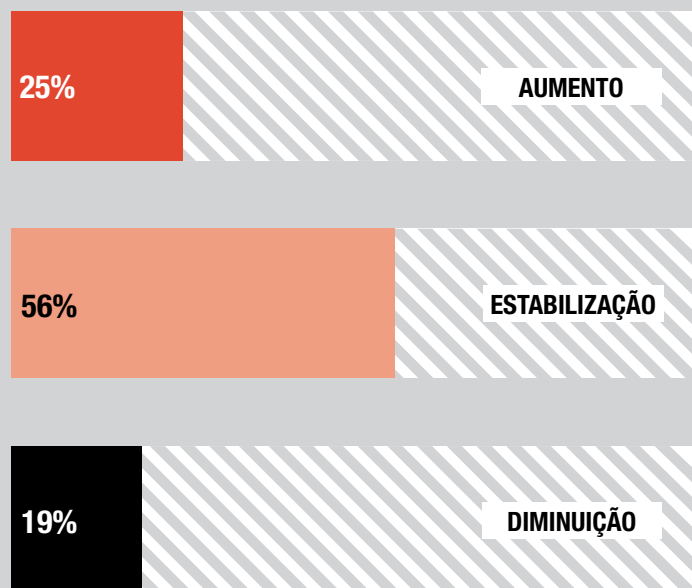


Perspectivas de encomendas

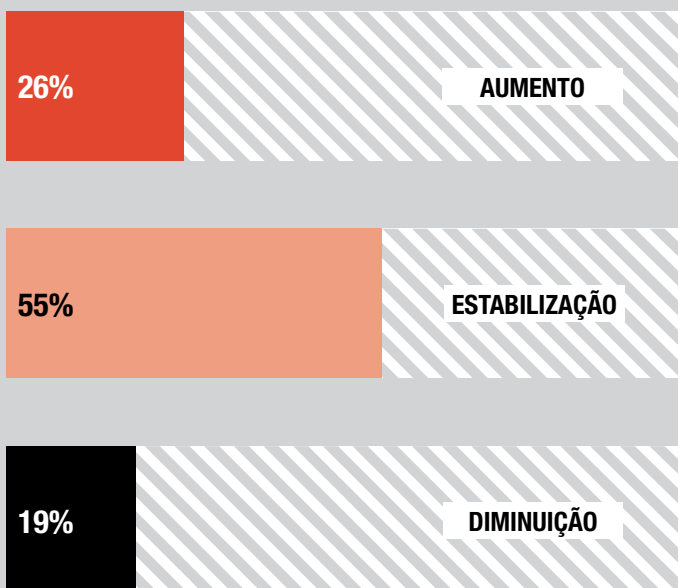
Depois de três trimestres consecutivos em que aconteceu o inverso, as previsões de aumento da carteira de encomendas voltam agora a superar as de diminuição. O saldo de respostas extremas é de +6 pontos percentuais no que respeita à carteira global de encomendas e de +7 pontos quanto às encomendas do estrangeiro, uma

recuperação significativa face às previsões da ordem de -15 p.p. registadas no final do trimestre anterior. Como acontece a nível da produção, as empresas para quem a coleção própria tem menos peso nas vendas mostram-se mais otimistas do que as restantes.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

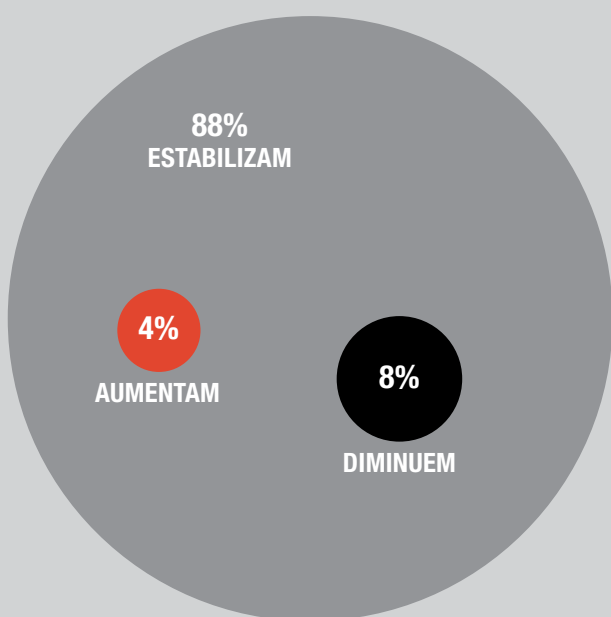


Perspetivas de preços de venda

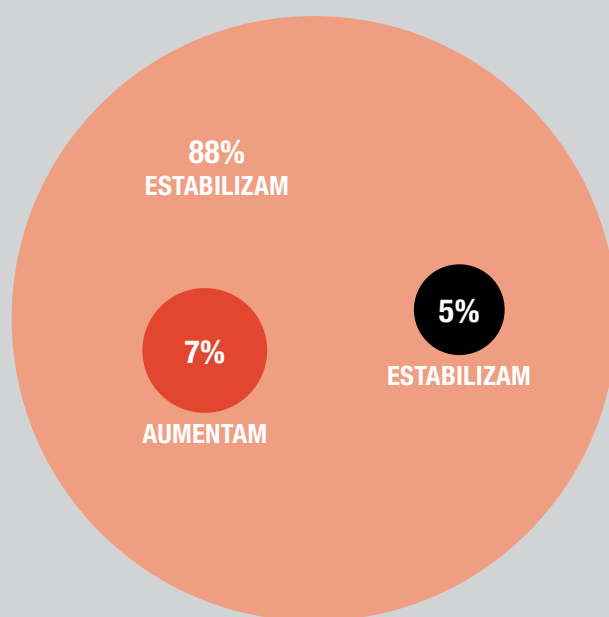
As previsões de evolução dos preços são de estabilidade, com 88% dos inquiridos a dizerem que assim acontecerá, tanto em Portugal, como nos mercados internacionais. No entanto, enquanto em relação a Portugal as previsões de aumento são menos frequentes do que as de diminuição,

resultando num s.r.e. de -4 p.p., passa-se o contrário no que respeita aos mercados internacionais, com um s.r.e. de +2 p.p. Trata-se, em ambos os casos, de um dos saldos mais reduzidos dos últimos cinco anos, refletindo o abrandamento geral dos preços na Europa.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

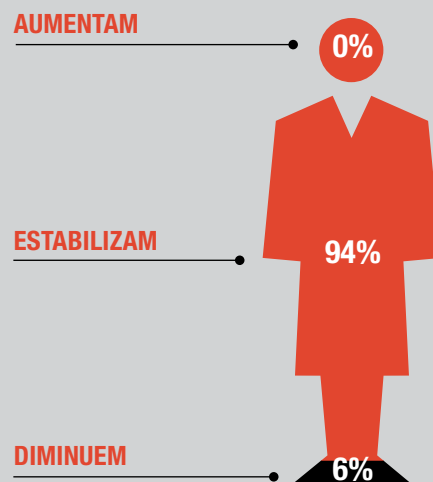


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

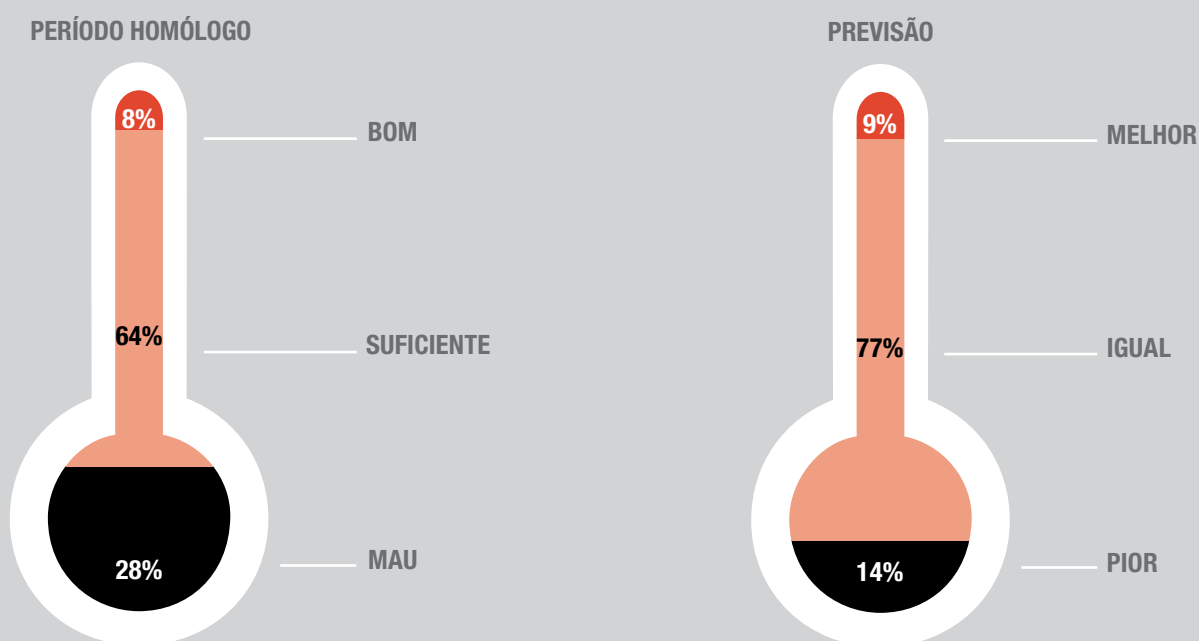
Noventa e quatro por cento dos inquiridos preveem manter o nível de emprego no segundo trimestre de 2015. Contudo, o abrandamento da conjuntura reflete-se no facto de nenhuma empresa estar a planear reforçá-lo, gerando um s.r.e. de -6 p.p., o mais baixo desde 2012. As previsões de diminuição do emprego proveem exclusivamente de pequenas empresas que vendem predominantemente coleção própria, segmento de inquiridos para quem os últimos trimestres têm sido pouco favoráveis.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

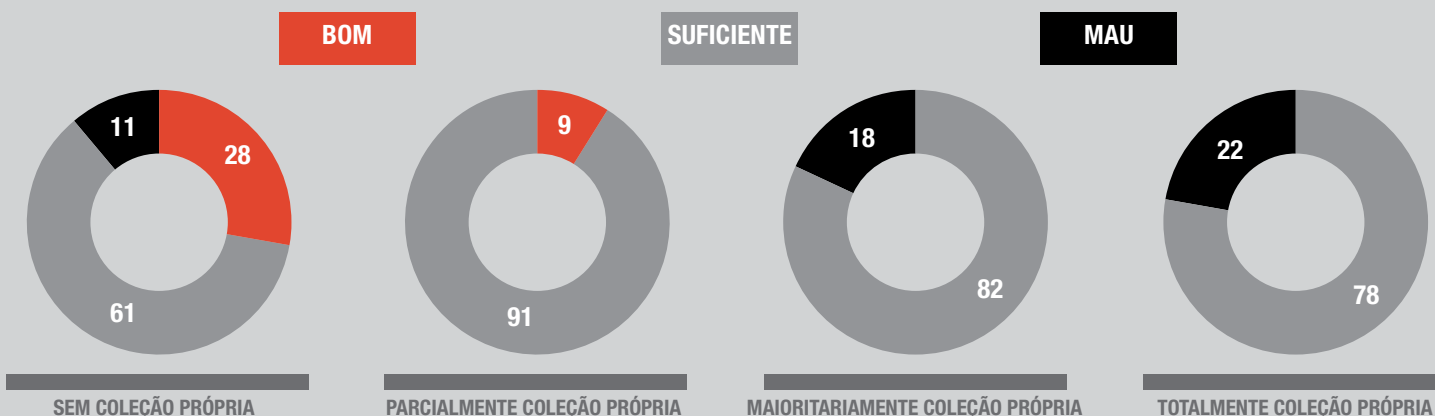
Três em cada quatro inquiridos esperam que o estado dos negócios no próximo trimestre permaneça suficiente. O abrandamento da conjuntura ao longo dos dois trimestres mais recentes é, no entanto, patente no facto de, pela primeira vez nos últimos três anos, a percentagem dos que preveem que o estado dos negócios seja mau superar a dos que acreditam que seja bom, gerando um s.r.e. de -5 p.p.

O saldo de respostas extremas é mais acentuadamente negativo (-20 p.p.) quanto à comparação entre o estado de negócios previsto para o próximo trimestre e o verificado um ano antes. Mas dois terços das empresas consideram que a situação permanece sensivelmente inalterada.



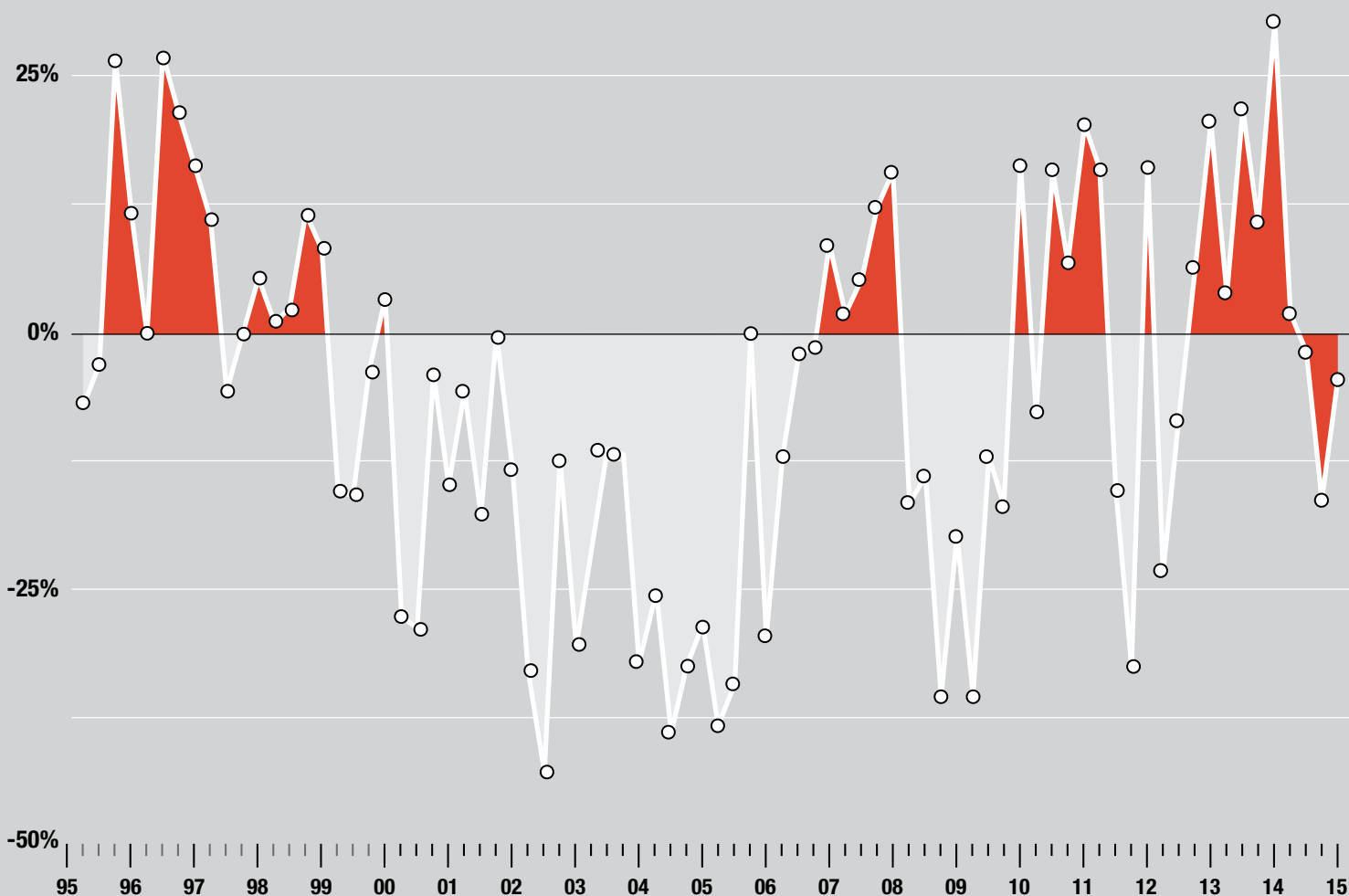
Apuramento dos resultados

Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas. À semelhança do que acontece na apreciação do trimestre agora terminado, também no que respeita à previsão para o segundo trimestre as empresas mais otimistas são aquelas para quem a marca própria tem menor peso no volume de negócios. A orientação para os mercados externos e a dimensão estão também associadas a perspetivas mais favoráveis. De salientar que nenhuma das empresas que vendem predominantemente para o mercado nacional espera que o estado dos negócios seja bom.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

Depois de três trimestres consecutivos de degradação, o indicador síntese de perspectivas empresariais recupera agora de -16 p.p. para -5 p.p., graças às previsões predominantemente positivas que as empresas formulam em matéria de produção e encomendas. Esta evolução sugere que o abrandamento da conjuntura que se tem vindo a sentir possa ser de duração limitada.



Para o segundo trimestre, as empresas perspetivam um abrandamento das dificuldades relacionadas com a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (as referências a este tipo de dificuldade caem de 53% para 47%) e um aumento das que se prendem com o preço das matérias-primas (que passam de 34% para 44% de referências). A insuficiência de encomendas de clientes

nacionais e as dificuldades de abastecimento de matérias-primas são os dois outros fatores que mantêm mais de 20% de referências, limiar a que ascende também a escassez de mão-de-obra qualificada. A percentagem de empresas que prevê não enfrentar nenhuma dificuldade (19%) recua face ao trimestre anterior mas não se afasta de valores habituais nos últimos anos.

Notas de Conjuntura

A mais recente Síntese Económica de Conjuntura do Instituto Nacional de Estatística apresenta alguns sinais de evolução positiva da economia portuguesa:

“Em Portugal, o indicador de clima económico aumentou em março, após ter estabilizado no mês anterior. O indicador de atividade económica estabilizou em fevereiro, após ter vindo a abrandar desde julho. Em fevereiro, os Indicadores de Curto Prazo (ICP) apresentaram sinais negativos menos significativos sobre a evolução da atividade na indústria, na construção e obras públicas e em setores de serviços. O indicador quantitativo do consumo privado registou um crescimento homólogo mais expressivo em fevereiro, refletindo sobretudo a aceleração da componente de consumo corrente. O indicador de FBCF aumentou significativamente em fevereiro, devido à evolução da componente de construção, que passou de um contributo negativo em janeiro a positivo. Em termos nominais, as exportações e importações de bens apresentaram variações homólogas de 2,1% e -3,5% em fevereiro, respetivamente (0,5% e -1,3% em janeiro).”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura – março 2015

No mesmo mês, o Banco de Portugal publicou projeções para a economia portuguesa no período 2015-2017.

“As projeções para a economia portuguesa em 2015-2017 apontam para uma recuperação gradual da atividade ao longo do horizonte de projeção. Após um crescimento do produto interno bruto (PIB) de 0,9 por cento em 2014, projeta-se um crescimento de 1,7 por cento para 2015, seguido de uma aceleração para 1,9 por cento em 2016 e 2,0 por cento em 2017. (...) A evolução da atividade económica ao longo do horizonte de projeção traduz, em larga medida, uma aceleração sustentada das exportações, que contribui para a manutenção de um excedente da balança corrente e de capital em níveis historicamente elevados.

A procura interna apresenta um crescimento moderado, que se mantém condicionado pela necessidade de continuação do processo de consolidação orçamental e pelos elevados níveis de endividamento do setor privado. Adicionalmente, projeta-se ao longo do período 2015-2017 uma aceleração moderada do emprego e uma diminuição progressiva da taxa de desemprego.”

Banco de Portugal, Projeções para a economia portuguesa: 2015-2017, março 2015

Já em abril, o Fundo Monetário Internacional publicou as suas perspetivas sobre a economia mundial:

“Prevê-se que o crescimento global aumente ligeiramente, de 3,4 por cento em 2014 para 3,5 por cento em 2015 e depois cresça adicionalmente, em 2016, para uma taxa anual de 3,8 por cento. O aumento do crescimento em 2015 será impulsionado por uma retoma nas economias avançadas, suportada no declínio dos preços do petróleo, com os Estados Unidos a desempenharem o papel mais importante. Nos mercados emergentes, em contrapartida, prevê-se que o crescimento decline em 2015, pelo quinto ano consecutivo. Uma diversidade de fatores explica este declínio: a acentuada redução em baixa do crescimento nos exportadores de petróleo, especialmente em países com condições de partida difíceis, anteriores ao choque nos preços do petróleo (por exemplo, Rússia e Venezuela); o abrandamento na China que reflete a mudança para um padrão de crescimento mais sustentável menos dependente do investimento; e a continuada degradação das perspetivas na América Latina resultante do abrandamento dos preços de outras commodities.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO), abril 2015

Relativamente a Portugal, o FMI prevê que o crescimento do Produto Interno Bruto seja de 1,6% em 2015 e 1,5% em 2016, valores ligeiramente inferiores aos avançados pelo Banco de Portugal. As previsões do FMI para o nosso país são praticamente idênticas às que apresenta para o conjunto da área euro e, no seu seio, para países como a Alemanha, a França e a Holanda. Entre os principais mercados do calçado português, é de destacar a previsão de taxas de crescimento acima dos 2% em Espanha e no Reino Unido.

Olhando para outras zonas do globo, no leste europeu prevê-se que a economia russa se continue a contrair, nomeadamente como resultado da quebra do preço do petróleo. Na América do Norte, o PIB dos EUA deve crescer 3,1% ao ano, enquanto o do Canadá deverá rondar os 2%. As economias do Brasil e da Argentina deverão estagnar, fazendo com o crescimento médio na América Latina seja praticamente nulo. Mas prevê-se um crescimento de cerca de 3,5% na Colômbia. Na Ásia, as previsões apontam para que o crescimento seja ainda mais forte, da ordem dos 5,5% ao ano, com níveis superiores na China (6,8% em 2015 e 6,3 em 2016) e na Índia (7,5% em ambos os anos).

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional